



## Relações laborais e o papel do sindicato na Companhia de Sena pós 1998

Carlos Quembo

---

### Introdução

Com esta comunicação pretendo contribuir para a discussão do tema 7 do Congresso. A comunicação aborda uma experiência específica sobre o papel do SINTIA na defesa dos interesses dos trabalhadores da Companhia de Sena- Marromeu.

### 1. Surgimento do SINTIA<sup>1</sup>

De acordo com Munguambe<sup>2</sup> o SINTIA surgiu em 1989, comprometendo-se dali a defender os interesses dos trabalhadores. Surge num período conturbado na empresa. Esta já paralisara. Assim, os trabalhadores enfrentavam vários problemas consequentes da paralisação. O estado eliminara a categoria de trabalhador sazonal e passou a efectivo todos os trabalhadores com mais de um ano naquela condição. Dai surgiram dificuldades de identificar os trabalhadores sazonais e definir os anos de trabalho. O sistema de registos dos trabalhadores era deficiente. Existindo assim, trabalhadores condicionados a integração como sazonal, mas não registados como tal.

---

<sup>1</sup> Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Açucareira

<sup>2</sup> Entrevistado em Maputo, 2003

O contrário também ocorria. Assim, muitos trabalhadores acharam-se injustiçados pela medida.<sup>3</sup>

Em 1983 a Secretaria do Estado do Trabalho emitiu um documento designado Medidas Transitórias de Segurança Social<sup>4</sup>. Dai também surgira outro problema de registos, enquanto o da transição de sazonal à efectivo ainda persistia. A medida era restrita aos efectivos. Na altura não estava claro sobre quem era ou não efectivo, para os trabalhadores antes considerados sazonais.

1983 foi o ano precedente a paralisação. Portanto, a crise de produção estava à um ano da saturação. Isto tornava difícil o cumprimento das obrigações da empresa para com os trabalhadores.

Segundo Juliasso<sup>5</sup> aquando da ocupação(1986), a empresa emitira um despacho dizendo: “todo trabalhador que abandonara a empresa, devia registar-se no

sindicato do local para onde refugiara-se. Ou então contactar o Ministério de Trabalho ou as suas direcções provinciais ou distritais conforme o caso”. Após a desocupação, a empresa emitiu um outro despacho que apelava ao regresso de todos os trabalhadores. Caso contrário, considerava-se de abandono. Poucos atenderam ao apelo.

## **2. Tentativa de solução dos problemas**

Segundo Joaquim<sup>6</sup> à partir de 1991 começou o problema dos salários. Os trabalhadores recebiam atrasadamente, chegando a ficar 19 meses sem salários de acordo com Cocorico e Matecateca.<sup>7</sup>

O sindicato devia mediar todos estes conflitos trabalhador- empresa resultantes da paralisação e com tendência a gravarem-se. Assim, nas vésperas da reabilitação da fábrica, o sindicato entrou em confrontos com a Direcção da empresa chefiada por Francisco Jozefo Jo. O sindicato acusava a direcção de violar os

---

<sup>3</sup> Cocorico, entrevistado em Marromeu,2004, Ventura, entrevistado em Marromeu,2004

<sup>4</sup> Cardoso,1993:317

<sup>5</sup> Entrevistado na Beira,2004

<sup>6</sup> 1997

<sup>7</sup> Entrevistado em Marromeu,2004

Carlos Quembo: Relações laborais e o papel do sindicato na Companhia de Sena pós 1998  
compromissos assumidos para com os trabalhadores e a direcção acusava o sindicato de prepotência.<sup>8</sup> A quando da negociação para a privatização o sindicato, assim como o estado optaram pela indemnização dos trabalhadores e caso a nova sociedade quisesse empregar alguns, far-se-ia um novo contrato de acordo com os termos da nova sociedade. A nova sociedade preferia a transição automática dum grupo de 300 trabalhadores. Após confrontações das partes, foi aprovada a posição da nova sociedade.<sup>9</sup>

O sindicato enfrentava dificuldades enormes na prossecução dos seus objectivos. Isto porque, i) a empresa estava em crise generalizada. Portanto, sempre que o sindicato tentasse resolver algum conflito trabalhador – empresa, a paralisação era o cavalo de batalha para a empresa:

“os trabalhadores não produzem, o estado está sem dinheiro para satisfazer os direitos dos trabalhadores, mesmo porque, os trabalhadores já não trabalham 8 horas diárias de acordo com a lei”.

ii) o funcionamento do sindicato era extremamente deficiente. Não tinha um controlo do efectivo dos trabalhadores e muitas das vezes, os representantes do sindicato, estavam ligados ao poder político, portanto, ao estado, que era a proprietária da empresa (antes da privatização). Tornava-se difícil para o sindicato exigir a satisfação completa dos direitos dos trabalhadores, uma vez conscientes da crise e ainda sendo composto por membros do partido único na altura.

### **3. O papel do SINTIA pós- privatização**

Depois da privatização não houve mudanças significativas no SINTIA, embora trabalhadores como Cocorico<sup>10</sup> refiram que o sindicato tem conseguido minimizar os problemas.

Parte dos membros do sindicato transitaram para a nova sociedade e ocuparam cargos de Chefia. O secretário (Alberto Joaquim), é simultaneamente funcionário da empresa. Numa entrevista chegou a reconhecer a dificuldade na tentativa de resolução dos

---

<sup>8</sup> Bento, um repórter do jornal Notícias, cuja a identidade não foi possível recuperar.

<sup>9</sup> Ministério do Plano e Finanças,1998:7,Munguambe, entrevistado, 27.11.03

<sup>10</sup> Entrevistado em Marromeu,2004

Carlos Quembo: Relações laborais e o papel do sindicato na Companhia de Sena pós 1998  
diferendos trabalhadores - empresa, resultante de i) os actuais patrões não darem ouvido nem margem de expressão ao sindicato e ii) pelo facto de tentar salvaguardar os seus interesses, que são de certa forma postos em causa, dado o facto de também ser funcionário da empresa.

A ideia de que o deficiente funcionamento do sindicato resulta do facto da dupla função dos sindicalistas, é partilhada por maior parte dos trabalhadores. E é exactamente este pormenor que tem vindo a desacreditar o papel do sindicato. Hoje, os trabalhadores já não acreditam no SINTIA.